

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas Class.: 70

Data: 30/09/86 Pg.: _____

Garantir terra até a morte, uma ordem do chefe Xacriabá

ITACARAMBI — (Dos enviados especiais Wagner Seixas e Celson Birro) — As famílias de pequenos posseiros que fugiram da Reserva Xacriabá — cerca de 300 pessoas — temerosas de um ataque por parte dos remanescentes indígenas, não estão recebendo alimentação necessária em Itacarambi, apesar do esforço do prefeito José Ferreira de Paula em não deixá-las desamparadas. Nos últimos dias faltou leite e várias crianças em fase de lactação passaram fome.

Instalados, inicialmente, no Salão Paroquial da cidade, os pequenos posseiros foram transferidos para o galpão onde são comercializados produtos hortigranjeiros, conhecido na cidade por "Ceasa". Duas mulheres precisaram ser internadas no posto de saúde, com desnutrição. Apesar da situação, não há clima de revolta. O que se espera é a chegada de mais famílias, que ainda estão escondidas em matagais da reserva, com medo de ataques dos xacriabás.

Em Januária, o bispo Dom Anselmo Muller informou, ontem, que os posseiros não podem ser expulsos da reserva Xacriabá, pois ainda está em tramitação uma ação judicial que permite a permanência na região até que a Justiça dê uma decisão.

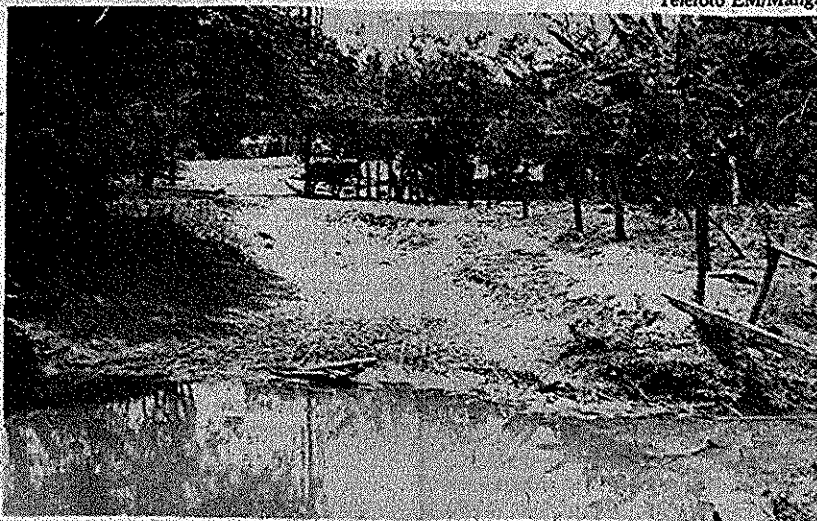
A possibilidade de reação dos posseiros contra os xacriabás, anunciada pelo fazendeiro Francisco de Assis Amaro, foi analisada com bastante prudência pelo líder indígena Manoel Rodrigues, o "Rodrigão". Segundo ele, as 22 aldeias que compõem a Reserva Xacriabá estão unidas em torno de uma única questão: defender a terra até a morte. O chefe dos Xacriabás diz que "durante muito tempo os fazendeiros da região tentaram a todo custo acabar com nossa cultura e com nossa raça. Não conseguiram. Somos hoje 4 mil índios mantendo, embora precariamente, as origens do nosso povo".

Para "Rodrigão", a ameaça dos grandes posseiros já era esperada: Não queremos guerra com estas pessoas. No entanto, se tentarem nos tirar a terra onde nascemos na base da força, eles encontrarão resistência". Apesar da saída dos posseiros e de uma aparente tranquilidade que reserva, permanece na região um clima de tensão, reconhecido pelos índios e pelos funcionários do posto da Funai. Muitos acreditam que a reserva poderá sofrer um ataque, já que existe entre os colonos que foram obrigados a abandonar a terra indígena um inconformismo exacerbado, como ficou evidente na ameaça feita por Francisco Amaro no final da semana passada.

Amanhã, em Itacarambi, haverá uma nova reunião, desta vez com todos os posseiros. Nesse encontro deverão ser tomadas várias decisões. Os mais exaltados defendem uma guerra total com os Xacriabás, visando a recuperação de bens deixados na reserva, entre eles animais e a colheita. Outros querem um trabalho junto às autoridades estaduais e federais como forma de obter uma indenização sobre as terras desocupadas ou um novo assentamento em outra região.

Documento perdido

Um lugarejo conhecido por "Brejo do Mata Fome" reúne pouco mais de 10 casas, uma escola e a sede do posto da Funai, e é a espinha dorsal de toda a reserva. Lá, são tomadas as decisões dos índios e centralizada a administração da terra e é onde mora "Rodrigão", líder xacriabá desde 1969 e pai de seis filhos. Aos 48 anos, 1,90m de altura, o chefe da comunidade é respeitado pelos 4 mil índios divididos em 22 aldeias e espalhados pelos 46 mil hectares da reserva. A sua posição foi conquistada e reforçada com seu trabalho de recuperar a reserva, então de posse de grupos de fazen-



Telefoto EM/Manga

Na entrada da reserva Xacriabá, a tranquilidade, mas aparente

deiros. Como uma espécie de cacique, ele foi escolhido por aclamação, sem passar por nenhum ritual, como ocorre em outras tribos.

Apesar da figura imponente, "Rodrigão" é um homem calmo, de fala mansa, que às vezes se emociona ao falar do passado dos xacriabás, onde perseguições, humilhações e mortes por pouco diminuíram a tribo e sepultaram para sempre a cultura do seu povo. Demonstrando um conhecimento legal sobre os direitos dos índios, "Rodrigão" relatou ao ESTADO DE MINAS toda a realidade do conflito entre posseiros e xacriabás. Numa casinha modesta, localizada em frente à sede do posto da Funai, e tendo ao seu lado a mulher, Rosa Araújo Carneiro, e quatro dos seis filhos, além de um grupo de amigos, o líder indígena culpou os grandes posseiros pelo estado de guerra instalado na reserva, clima que vem se mantendo desde 1979, quando o Incra demarcou as terras e as doou à tribo xacriabá.

De acordo com "Rodrigão", a partir daquela data alguns fazendeiros de Itacarambi, Januária, Manga e Montes Claros passaram a adquirir ilegalmente posses na área: "O método era simples. Eles compravam pequenas glebas e quando as cercavam, aumentavam o número de alqueires. Isto atingia a terra dos índios que, ameaçados por pistoleiros e tendo suas casas e plantações destruídas, e seus animais mortos, resolviam abandonar o local. A situação se agravou. Os verdadeiros donos da terra praticamente não tinham onde ficar". Ainda segundo o chefe xacriabá, "muitos índios decidiram fugir até mesmo da reserva de Itacarambi, pois contra eles tinha o punho do poder da força e do dinheiro".

A reação contra este estado de coisas foi ocorrendo gradativamente. A união das aldeias era um fator primordial — ressaltou "Rodrigão" —, para que os interesses e direitos da comunidade fossem preservados. A partir de reuniões, algumas acaloradas e sugerindo declaração de guerra contra os posseiros, ficou decidido que a melhor via era a justiça. Por este caminho os xacriabás obtiveram algumas vitórias, mas continuavam sob o jugo dos grandes posseiros, ainda ameaçadores. Somente agora, com o emprego da força, os índios conseguiram desalojar os invasores.

Porém, este recente atrito já é fruto de um episódio ocorrido em 1961, quando o fazendeiro José Barbosa de Souza casou-se com Dédora Seixas, filha do líder xacriabá Pedro Jerônimo. O casamento, segundo "Rodrigão", quase representou o fim da tribo. O fazendeiro conseguiu junto ao chefe dos xacriabás,

seu sogro, o documento que registrava o termo de doações das terras. Com o documento nas mãos, Barbosa de Souza aliou-se a outros grandes fazendeiros e invadiu a reserva, reivindicando a posse. Pacíficos e desinformados, os índios aceitaram a situação.

Em 1962, de acordo com o líder da comunidade, iniciou-se um movimento visando a reintegração das terras. O próprio "Rodrigão", quando tomou conhecimento do desaparecimento do documento, então a única herança dos Xacriabás, resolveu inverter a posição estável dos índios. Contudo, o grupo de fazendeiros agia rapidamente. Em 1968, através de força política, eles conseguiram que a Ruralminas medisse a área e passasse a comercializá-la. O órgão só vendia 110 hectares ou mais. O preço cobrado era impraticável para os índios, que mesmo vendendo criações e colheitas não tinham condições de adquirir a terra. A direção da Ruralminas, na ocasião, segundo "Rodrigão" determinou a saída imediata de quem não podia pagar. Os Xacriabás estavam sem as terras.

Em 1969, "Rodrigão" fugiu da reserva e seguiu para Brasília. Sua missão era encontrar-se com o presidente da Funai e relatar o que estava ocorrendo em Itacarambi. Segundo ele, "por várias vezes disse que iria ao Distrito Federal denunciar os abusos. No entanto, policiais militares me ameaçaram de morte caso eu fizesse isso. O coronel Altino, chefe do destacamento de Manga na casinha, me perseguiu muitas vezes. Para ir a Brasília fui fugido, usando cavalo, pegando carona ou indo a pé". Este sacrifício acabou tendo o resultado esperado. A Funai decidiu apoiar os Xacriabás.

"Rodrigão" continuava com suas "fugidas" a Brasília, sempre burlando a vigilância da PM. Em 1970, o capitão Pinheiro lhe concedeu um documento de "trânsito livre", com o qual poderia locomover-se para qualquer parte do País. Sete meses depois, o coronel Altino lhe tomou a carta: "Ele era um homem pago pelos grandes fazendeiros para garantir a posse ilegal da terra. Eu era uma pessoa inconveniente para os interesses deles".

Apesar da parcialidade do militar, "Rodrigão" obteve de Ismar de Oliveira, da Funai, o cargo de procurador dos interesses dos Xacriabás, o que lhe valia salvo conduto: "Destá vez o coronel Altino e seus soldados não poderiam me impedir de viajar. Afinal, eu era um representante de um povo junto a um órgão federal". Todo o esforço acabou sendo recompensado. Em 1979, os índios receberam a doação de 46 mil hectares, convertidos em reserva de Itacarambi.